

Notas

T01 Das grandes guerras

1. Artigo originado de conferência proferida pelo autor em 29 de outubro de 2018 no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, por ocasião do debate “História e desafios da clínica psicanalítica em instituições socioassistenciais”, realizado pelo Departamento de Psicanálise deste Instituto em parceria com o selo *Linear A-barca: clínica de grupos e instituições*.
2. R. Kaës, *L’extension de la psychanalyse. Pour une métapsychologie du troisième type*.
3. Instituições especializadas: “serviços e estabelecimentos cuja missão é aportar um cuidado e/ou acompanhamento socioeducativo junto a sujeitos que apresentam uma forma de sofrimento psíquico, de psicopatologia, de desvio, de desadaptação social ou de antissocialidade. Sujeitos que entram no campo daquilo que Alain-Noël Henri designou pelo termo genérico de ‘desinscrição’” (J.-P. Pinel, “A construção do dispositivo de intervenção à prova das mutações institucionais contemporâneas”, in O. Nicolle; R. Kaës [orgs.]. *A Instituição como herança. Mitos de fundação, transmissões, transformações*, p. 21).
4. A.-N. Henri, “Le secret de famille et l’enfant improbable”, in P. Mercader; A.-N. Henri (orgs.), *La formation en psychologie. Filiation bâtarde, transmission troublée*.
5. S. Ferenczi, “Deux types de névroses de guerre”; “Psychanalyse des névroses de guerre”; “Articles posthumes, Réflexions sur le traumatisme”.
6. S. Freud, “Introduction à la psychanalyse des névroses de guerre”, in *Résultats, idées, problèmes*.
7. G. Roheim, *Das Selbst*.
8. A. Aichorn, *Jeunesse à l’abandon*.
9. H. Simon, *Aktivere Krankenbehandlung in der Irrenanstalt* [Tr. fr.: *Une thérapie plus active à l’hôpital psychiatrique*].
10. J. Ayme, “Essai sur l’histoire de la psychothérapie institutionnelle”. *Institutions n. 44*.
11. H. Simon, *op. cit.*
12. J. Lacan, *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*, suivi de *Premiers écrits sur la paranoïa*.
13. P.-C. Racamier, *Le Psychanalyste sans divan. La psychanalyse et les institutions de soins psychiatriques*.
14. A. H. Stanton; M. S. Schwartz, *The mental hospital: A study of institutional participation in psychiatric illness and treatment*.
15. W. R. Bion, *Experiences in groups*.
16. W. R. Bion, *The long week end*.
17. D. W. Winnicott, *Deprivation and Delinquency*.
18. J.-P. Pinel, “Les fonctions du cadre dans la prise en charge institutionnelle”, *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, 13, *Pratiques soignantes dans les institutions*.
19. R. Kaës, *Le Malêtre*.
20. J.-F. Lyotard, *La condition postmoderne*.
21. H. Rosa, *Accélération. Une critique sociale du temps*.
22. G. Gaillard, “La généalogie institutionnelle et les écueils du travail d’historisation: entre filicide et parricide”; “L’institution, le pouvoir, l’emprise et la génération”.
23. J.-P. Pinel, “Emprise et pouvoir de la transparence dans les institutions spécialisées”, *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, 51.
24. “Designadas para uma posição intermediária, destinadas a exercerem uma função de articulação na desinscrição, devem participar na tarefa de recompor o tecido dos laços sociais e simbólicos impedidos, atacados ou rompidos” (J.-P. Pinel, “A construção do dispositivo de intervenção à prova das mutações institucionais contemporâneas”, in O. Nicolle; R. Kaës [orgs.]. *A Instituição como herança. Mitos de fundação, transmissões, transformações*, p. 21-22).
25. J.-P. Pinel, “La position nostalgique mélancolique, un interrupteur des processus de transmission du cadre et des dispositifs institutionnels”, *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, 65, *Transmission intergénérationnelle et transformations*.
26. J.-P. Pinel, “La position nostalgique mélancolique, un interrupteur des processus de transmission du cadre et des dispositifs institutionnels”, *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, 65, *Transmission intergénérationnelle et transformations*.
27. R. Kaës, *Le Malêtre*.

T02 Revista

1. R. Mezan, “Figura e fundo, notas sobre o mundo psicanalítico”, *Percurso n. 20*, p. 7-8.
2. M. Fuks, “Reich e a relação entre política e psicanálise”, p. 1.
3. M. Fuks, *op. cit.*, p. 2.
4. M. Langer; A. Bauleo (orgs.), *Questionamos a Psicanálise e suas Instituições*.
5. *História do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae*, maio de 2006.
6. R. Mezan, *op. cit.*, p. 10.
7. M. Chnaiderman, “Existe uma psicanálise brasileira?”, *Percurso n. 20*.
8. R. Major, “Ouverture” in *Géopsychanalyse, les souterrains de l’institution*, Rencontre Franco-latino-américaine, Confrontation, p. 9.
9. J. Derrida, “Géopsychanalyse and the rest of the world, les souterrains de l’institutions”, in *Rencontre franco-latino Américain*, Paris, Confrontation, fev. 1981.
10. P. Pelbart, “Negros, judeus, palestinos: do monopólio do sofrimento”. *Percurso n. 60*, p. 54.

11. M. Chnaiderman, *op. cit.*
12. M. Chnaiderman, *op. cit.*, p. 21.
13. R. Mezan, *op. cit.*, p. 16.
14. H. Besserman Vianna, *Não conte a ninguém.*
15. J. Derrida, *Estados-da-alma da psicanálise, o impossível para além da soberana crueldade*, p. 19.
16. J. Derrida, *op. cit.*, p. 46.
17. N. Zaltzman, *L'esprit du mal.*
18. N. Zaltzman, "Homo Sacer: l'hommetuable", in *La résistance de l'humain*, p. 6.
19. N. Zaltzman, *op. cit.*, p. 7.
20. M'de M'Uzan; J.B. Pontalis, "Écrire, Psychanalyser, Écrire, échange de vues", *Écrire la Psychanalyse*, Nouvelle Revue de Psychanalyse, n. 16, p. 5.
21. P. Pelbart, *op. cit.*, p. 55.
22. A. Green, "Transcription d'origine inconnue", *Écrire la Psychanalyse*, Nouvelle Revue de Psychanalyse, n. 16, p. 31.

Urribari

1. F. Urribari, "El poslacanismo. El psicoanálisis contemporáneo"; "La representación en el encuadre contemporáneo"; "El trabajo psíquico del analista. Los tres modelos de contra-transferencia". El lector interesado puede consultar "Que es un psicoanalista contemporáneo?".
2. Los modelos, como los paradigmas de Kuhn, son un mixto de conocimiento científico y de discurso (o ideología) instituido. Debe diferenciarse entre las obras de los grandes autores (complejas, heterogeneas, abiertas) que inspiran dichos modelos, y los recortes, homogeneizaciones y la estandarización que su institucionalización implica.
3. Para una visión más amplia ver F. Urribari, "Después de Lacan", *Percurso*, n. 60.
4. Garma y Rascosky realizan desde temprano aportes originales.
5. Arminda Aberastury y Betty Garma introducen las ideas de Anna Freud y sobre todo de Melanie Klein, a las que desarrollan de modo personal.
6. J. L. Borges, "El escritor argentino y la tradición", p. 87.
7. J. Bleger, "Psicoanálisis del encuadre analítico"(1967) en *Simbiosis y ambigüedad* (Paidós).
8. Los libros "Cuestionamos" (volumen 1 y 2) compilados por Marie Langer representan esta línea de pensamiento.
9. El grupo kleiniano optará por salir de APA y fundar APDEBA.
10. Ver F. Urribari, "El poslacanismo. El psicoanálisis argentino contemporáneo", *Zona Erógena*, n. 49.
11. Introducción al volumen colectivo *Lo grupal* (1983).
12. J. Jinkis, Revista *Contorno*, p. 8.

Ana Helena de Staal

1. Esse texto é a transcrição de uma palestra dada no Instituto Sedes Sapientiae, dia 30 de março de 2019, em homenagem aos 30 anos da revista *Percurso*. Agradeço especialmente a Lili Quintão a interlocução para a minha participação nesse evento, assim como ao Dr. Roberto Oliveira, tradutor dessa palestra, originalmente escrita em francês.
2. Cf. *Meaning and Melancholia. Life in the Age of Bewilderment* [trad. francesa: *Sens et mélancolie. Vivre au temps du désarroi*].
3. Quando Bollas fala de operacionalismo, é impossível não pensar também nas contribuições da Escola psicossomática de Paris, que, desde os anos 1960, descrevia as fissuras e os disfuncionamentos no aparelho de pensar os pensamentos. De fato, deve-se a Pierre Marty a noção de "pensamento operatório", distúrbio atribuído a um defeito de qualidade e de espessura no pré-consciente e presente na etiologia da chamada "depressão essencial" (uma depressão com sinais clínicos "brancos", na qual o paciente altamente depressivo continua "funcionando", por assim dizer, normalmente, sobretudo nas tarefas mecânicas ligadas ao trabalho e a vida cotidiana). Cf. P. Marty, *Les Mouvements individuels de vie et de mort*.
4. A neurociência e os psicofármacos se apresentam como os únicos a terem as respostas para estas questões que serão então abordadas sob as categorias de "déficit da atenção", "agitação", etc.
5. E vê-se aí toda a atualidade do trabalho de um analista como Antonino Ferro, que, pensando em termos de "cartilha emocional", criou ferramentas psicanalíticas específicas para a abordagem desse problema que é a alfabetização emocional do pensamento operatório.
6. "Faits et croyances" (1840).
7. A. Ferro, *Le Viscere della mente. Sillabario emotivi e narrazioni*, p. 72.
8. A. Badiou, France Culture, 5 abr. 2001; podcast disponível em: <<https://www.franceculture.fr/emissions/les-nuits-de-france-culture/les-chemins-de-la-connaissance-a-lecoute-de-jacques-lacan-45-avec-alain-badiou-1ere-diffusion>>.
9. Segundo Jean-Pierre Le Goff, o slogan atribuído ao Movimento do 22 de março expressava sobretudo um desejo de "ruptura com um passado museificado e um presente desencantado. [Uma chamada] para que se se arrancasse do tédio das aulas catedráticas, do vazio e da repetição do cotidiano." Cf. J.-P. Le Goff, *Mai 68. L'Héritage impossible*.
10. S. Freud, "Considérations actuelles sur la guerre et la mort" (1915).
11. G. Civitarese, "L'in/conscient comme fonction psychanalytique de la personnalité", *Revue Française de Psychanalyse*, 2011/3, vol. 75, p. 840.
12. Ver, entre outros, W.R. Bion, *Aux sources de l'expérience*, ou ainda "Contre mauvaise fortune, bon cœur" (1979), in W. R. Bion, *La Preuve & Autres textes*, p. 48-49. G. Civitarese, na sua comunicação para o 78º Congresso dos Psicanalistas de Língua Francesa, ocorrido em Gênova, em maio de 2018, dedica um longo e interessante capítulo ao tema do "Inconsciente como função psicanalítica da personalidade"; ele diz: "A teoria de Bion e, em seguida, a do 'campo analítico' provêm de um conceito de inconsciente diferente do clássico: o inconsciente como *função psicanalítica da personalidade* (expressão que parece ter se

inspirado da noção kantiana de *faculdade da imaginação produtiva* [*produktive Einbildungskraft*], ou seja, uma faculdade cognitiva do espírito) é um *a priori* do pensamento, não é inato mas adquirido”.

13. A. Green, “Le travail du négatif”.
14. T. Ogden, *Cet art qu’est la psychanalyse*, p. 157-158.
15. A intersubjetividade, o diálogo introspectivo de si a si, mas também o “comércio”, como dizia Freud, entre as instâncias psíquicas. Cf. Sigmund Freud, “L’inconscient” (1915), in *Métapsychologie*, p. 100.
16. Cf. C. Bollas, *Sens et mélancolie*, *op. cit.*, p. 99.
17. C. Bollas, *op. cit.*
18. C. Bollas, *op. cit.*, p. 102.
19. Entrevista concedida a *Le Magazine Littéraire* em 1994; republicada na mesma revista em 28 de fevereiro de 2019.
20. Escarificação entendida como gesto contra o sentimento de letargia do Ego.

Camila Solles

1. G. Agamben, “Polícia soberana”, in *Meios sem fim – Notas sobre a política*, p. 97.
2. G. Agamben, “O que é um dispositivo?”, in *O que é o contemporâneo e outros ensaios*, p. 25.
3. S. Freud, “El malestar en la cultura”, in *Obras Completas*, vol. xxi, p. 57.
4. S. Freud, *op. cit.*, p. 71.
5. G. Agamben, “Polícia soberana”, *op. cit.*, p. 98.
6. J. Strachey, “Introdução”, in S. Freud, *op. cit.*, p. 60.
7. S. Freud, *op. cit.*, p. 69.
8. S. Freud, *op. cit.*, p. 67.
9. *Gewalt* também significa *poder e força*, às vezes, no sentido de *violência*.
10. J. Strachey, “Introdução”, in S. Freud, “Mal-estar na Cultura”, *op. cit.*, p. 62.
11. R. Mezan, *Freud, pensador da Cultura*, p. 142.
12. G. Agamben, *O que é o contemporâneo*, *op. cit.*, p. 27.
13. G. Agamben, *op. cit.*, p. 32.
14. G. Agamben, *op. cit.*, p. 32.
15. G. Agamben, *op. cit.*, p. 32.
16. G. Agamben, *op. cit.*, p. 32.
17. G. Agamben, *op. cit.*, p. 33.
18. Guerra do Golfo – ataque dos Estados Unidos e de outros países, sob a bandeira da ONU, ao Iraque.
19. G. Agamben, *Meios sem fim*, *op. cit.*, p. 97.
20. G. Agamben, *op. cit.*, p. 68.
21. G. Agamben, *op. cit.*, p. 98.
22. G. Agamben, *Meios sem fim*, *op. cit.*, p. 98.
23. G. Agamben, *op. cit.*, p. 98.
24. W. Benjamin, *apud* G. Agamben, *Meios sem fim*, *op. cit.*, p. 98.
25. G. Agamben, *Meios sem fim*, *op. cit.*, p. 98.
26. G. Agamben, *Meios sem fim*, *op. cit.*, p. 99.
27. G. Agamben, *Meios sem fim*, *op. cit.*, p. 99.
28. G. Agamben, *op. cit.*, p. 99.
29. G. Agamben, *op. cit.*, p. 99-100.
30. S. Freud, *op. cit.*, p. 140.
31. R. Mezan, “Uma arqueologia inacabada: Foucault e a psicanálise”, in R. Janine Ribeiro (org.), *Recordar Foucault*, p. 94-125.
32. J. Lacan, *O triunfo da religião, precedido de Discurso aos católicos*, p. 64.
33. T. Adorno, *Notas sobre literatura*, p. 28.
34. G. Agamben *Meios sem fim*, *op. cit.*, p. 100.
35. S. Moro, “O projeto da lei anticrime”, *Folha de S. Paulo*, 17 mar. 2019.

Bruno Esposito

1. Y. Harari, *Homo Deus*.
2. J. C. Volnovich, *El niño del “siglo del niño”*.
3. A. Jerusalinsky, “Homo Web: o fascínio da lógica eletrônica”.
4. J. Jerusalinsky, “Que rede nos sustenta no balanço da web? – O sujeito na era das relações virtuais”.
5. J. Jerusalinsky, *op. cit.*
6. B. Brazelton, *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*.
7. A. Gueller, “Droga de celular! Reflexões psicanalíticas sobre o uso de eletrônicos”.
8. S. Freud, “Proyecto de psicología”.
9. J. Jerusalinsky, “As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais”.
10. P. Sibilia, *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*.
11. C. Calligaris, *A adolescência*.
12. J. C. Volnovich, *op. cit.*
13. P. Ariès, *História social da criança e da família*.

14. A. Green, "Brincar e reflexão na obra de Donald Winnicott", *apud* L. Pires, *O jogo analítico: questões técnicas na clínica com crianças*, p. 109.
15. T. Marks-Tarlow; M. Solomon; D. Siegel, *Play and creativity in psychotherapy*.
16. S. Freud, "O escritor e a fantasia".
17. S. Freud, *op. cit.*, p. 327.
18. S. Freud, "Além do princípio do prazer".
19. L. Pires, *O jogo analítico: questões técnicas na clínica com crianças*.
20. M. Klein, *Amor, culpa e reparação*, p. 163.
21. Eis uma passagem que pode exemplificar esta observação: "Richard então falou longamente sobre uma 'tragédia' ocorrida no dia anterior: enquanto brincava na areia perdera sua pá e não a encontrara mais. M. K. interpretou seu medo de perder o pênis (a pá) como consequência de seus desejos com relação a ela e à mãe". Cf. M. Klein, *Narrativa da análise de uma criança*, p. 37.
22. G. Rodrigué, "El cajón de juguetes del niño y el 'cajón' de fantasías del adulto".
23. F. Dolto, *A imagem inconsciente do corpo*.
24. A. Sigal, *Escritos metapsicológicos e clínicos*.
25. W. Benjamin, *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*, p. 92.
26. Na clínica, observamos correntemente esta problemática em adolescentes sem limite, que por vezes se automutilam e tentam suicídio. Eles fazem pedidos concretos aos pais que são tomados ao pé da letra, como celulares, roupas, *piercings*, e estes pais desdobram-se para satisfazê-los materialmente, quando na realidade não se trata desse tipo de busca que o adolescente vislumbra. Cf. B. Esposito; L. Lima; A. Balaban; N. Rufino; R. Cassorla, "Suicídios".
27. D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*.
28. H. Telles, *Antropologia e game studies: o giro cultural na abordagem sobre os jogos eletrônicos*.
29. W. Benjamin, *op. cit.*
30. W. Benjamin, *op. cit.*, p. 101.
31. S. Freud, "Dostoiévski e o parricídio".
32. D. W. Winnicott, *op. cit.*
33. D. W. Winnicott, *op. cit.*, p. 95.
34. Segundo Rodrigué, a posição do analista com crianças é de uma "atenção lúdica" em vez da atenção flutuante. Cf. E. Rodrigué, "La interpretación lúdica: una actitud hacia el juego".
35. A. Sigal, *op. cit.*, p. 245.
36. J. Baudrillard, *Simulacros e simulação*.
37. R. Goldenberg, "Reflexões de um geek".
38. C. Mendes, *Jogos eletrônicos: diversão, poder e subjetivação*, p. 11.
39. J. C. Volnovich, *op. cit.*
40. J. C. Volnovich, *op. cit.*

Adela Stoppel

1. "Reificação: Transformação em coisa; coisificação: reificação do pensamento. [Filosofia] De modo geral, refere-se à sobreposição das coisas em detrimento das pessoas, sendo caracterizada pelo poder que elas exercem sobre os sujeitos. [Filosofia] Para o marxismo, processo inerente às sociedades capitalistas, definido pela sobreposição ou supervalorização da produção, em detrimento das relações humanas e sociais, podendo ocasionar a perda da subjetividade característica do ser humano, atribuindo-lhe uma natureza inanimada e automática, como coisas ou mercadorias", *Dicio*, [s.d].
2. S. Freud, "De la historia de una neurosis infantil", in *Obras Completas*.
3. S. Freud, "Tres ensayos de teoría sexual", in *Obras Completas*.
4. Em meados do século XX, um grupo de matemáticos formalistas idealizou a chamada *matemática moderna*, proposta que divulgou sob o pseudônimo coletivo de Nicolas Bourbaki.
5. No Seminário XIV, "A lógica do fantasma", Lacan (1966-1967) incorpora a noção matemática de *estrutura*, que se aplica a permutações de quatro elementos quaisquer.
6. L. C. Pereira Junior, *Com a língua de fora: a obscenidade por trás de palavras insuspeitas e a história inocente de termos cabeludos*, p. 24-26.
7. Solipsismo, do latim [*ego*] *solus ipse* ("só eu existo", em tradução livre), Solipsismo, [s.d.].
8. Assim, Lacan questiona tanto o método de Ester Bick quanto a teoria de Bowlby sobre o apego, que nesse momento imperavam como modelos de formação dos analistas na Sociedade Britânica de Psicanálise.
9. J. Lacan, "Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines", *Silicet*, p. 34.
10. J. Lacan, *El seminario de Jacques Lacan, libro 4: la relación de objeto*, p. 188.
11. J. Lacan, *El seminario de Jacques Lacan, libro 11: los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, p. 217.
12. J. Lacan, *El seminario de Jacques Lacan, libro 4: la relación de objeto*, p. 192.
13. J. Lacan, *op. cit.*, p. 286.
14. J. Lacan, "Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines", *Silicet*, p. 32.
15. A fórmula matemática para calcular essas possibilidades é $(n^2 - 1) + 1$, sendo n um número inteiro maior de 1.
16. G. Le Gaufey, *La incompletud de lo simbólico: de René Descartes a Jacques Lacan*, p. 190.
17. G. Le Gaufey, *op. cit.*, p. 191.
18. Para calcular essas possibilidades, aplicamos o fatorial do número. No primeiro caso, $4! = 4 \times 3 \times 2 \times 1$; no segundo, $5! = 5 \times 4 \times 3 \times 2 \times 1$.

19. Para calcular essas possibilidades, aplicamos o fatorial de $n - 1$, grafado $(n - 1)!$. Com 4 elementos ($n = 4$), temos $(4 - 1)! = 3! = 3 \times 2 \times 1 = 6$; com 5 ($n = 5$), temos $(5 - 1)! = 4! = 4 \times 3 \times 2 \times 1 = 24$.
20. J. Jeremy, *Quando a ciência e a magia se combinam: a fraude gigantesca conhecida como Teoria da Evolução*.
21. O jogo do 15, *Wikipédia*, [s.d.].

Sergio G. Franco

1. Forma ligeiramente reduzida de conferência proferida na *Sigmund Freud Associação Psicanalítica* em Porto Alegre na noite do dia 22 de março de 2019.
2. Edição de 18 de janeiro de 2019.
3. Em *A Poética*, Aristóteles discorre sobre o papel da tragédia, valorizando o seu papel catártico, mimético e mítico.
4. *Percurso*, n.20, p. 114-120, mar. 1997.
5. *When the Sun Bursts. The Enigma of Schizophrenia* de 2015.
6. Referida ao *pathos*, ao sofrimento humano.

Silvia N. de Carvalho

1. Escrito para *Polêmicas Contemporâneas*: produção do GT Arte e Psicanálise do EBEPPA – Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre –, evento realizado no *Studio Clio*. Porto Alegre, Cidade Baixa, 24 de maio de 2018.
2. Referência à canção de Jorge Drexler, intitulada *Silêncio*, do disco *Salvavidas de hielo*, 2017. *Videoclip* oficial da canção disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HyBu2KEe2pl>>.
3. A. Green. “Anexo 1: O trabalho do negativo (1986)”, in *O trabalho do negativo*, p. 291.
4. J. Furtado; J.P. Goulart. *O dia em que Dorival encarou a guarda*. 14 min, 1986.
5. Dorival narra sua “desinteligência com os ômis” no início do oitavo capítulo do livro de Tabajara Ruas, *O amor de Pedro por João*, do qual o filme foi adaptado.
6. A. Gorz. *Metamorfoses do trabalho*, p. 91.
7. G. Agamben. “Genius”, in *Profanações*, p. 15.
8. G. Agamben. “Magia e felicidade”, in *Profanações*, p. 23.
9. P. Fédida. *Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica*.
10. P. Fédida, *op. cit.*, p. 61-62.
11. Sobre este tema, ver S. Nogueira de Carvalho. “Entre a força e o sentido: arte e psicanálise diante da dor dos outros”, *Percurso* 58.
12. E. Chaves. “Prefácio: O paradigma estético de Freud”, in *Arte, literatura e os artistas, Obras Incompletas de Sigmund Freud*.
13. J. Rancière. *A partilha do sensível: estética e política*.
14. O leitor interessado no desenvolvimento desse tema tem acesso a uma breve história medieval da visão através de fragmentos de textos recolhidos de diversos autores por J. Lichtenstein (org.), *A teologia da imagem e o estatuto da pintura*.
15. J. Rancière, *op. cit.*, p. 32-33.
16. J. Rancière, *op. cit.*, p. 34.
17. S. Nogueira de Carvalho, *Dança à capela*, in N.V. A. Leite; J.G. Milan-Ramos; M. R. S. Moraes (orgs.). *De um discurso sem palavras*.
18. S. Nogueira de Carvalho. *Arte e psicanálise: a dor nos femininos*, in J. G. Milán-Ramos; N. V. A. Leite, *entreAto: o poético e o analítico*.
19. A. Brossat *apud* G. Didi-Huberman. *Sobrevivência dos vaga-lumes*, p. 41.
20. G. Didi-Huberman, *Sobrevivência dos vaga-lumes*, p. 42.
21. G. Didi-Huberman, *op. cit.*, p. 52.

Entrevista

1. Apresentação (*presentación*) é um dos conceitos importantes na Psicanálise das Configurações Vinculares. Ressalta a alteridade do outro que se impõe, enquanto presença dos sujeitos nos vínculos, marcando uma diferença que não pode ser desconsiderada ou apagada. O conceito alude àquilo que não foi vivido anteriormente e que dá espaço à novidade da experiência. À possibilidade de se surpreender com o outro e, dessa forma, criar novas marcas intersubjetivas.
2. O conceito de *ajeno* é muito importante para Janine Puget e não pode ser traduzido literalmente para o português. Possui algumas similitudes com *alheio*, *alteridade*, *diferente*, *outro*, mas essas traduções não dão conta de todo o conceito.

Debate

1. F. Hérítier, *Masculino/Feminino: o pensamento da diferença*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
2. F. Hérítier, *op. cit.*, p. 19.
3. F. Hérítier, *op. cit.*, p. 218, grifo no original.
4. S. Muszkat, *Violência e masculinidade*. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

Debate clínico

1. S. Freud, *L'interprétation des rêves*, Paris, puf, 1967, p. 520 [Tradução Anna Amaral].
2. M. Montrelay, “Être Complice”, in P. Guyomard (Dir.), *La Disposition Perverse*. Paris, Editions Odile Jacob, 1999, p. 31 [Tradução Anna Amaral].
3. A. Green, *La Pensée Clinique*. Paris, Editions Odile Jacob, 2002, p. 10.